

“O LÁ E O AQUI”:

A presença de estudantes africanos/as na UNILAB e suas redes de sociabilidades, integração e representatividade de cultura (s)

“The there and the here”: The presence of African students at unilab and its networks of sociability, integration and representativeness of culture (s)

"Le là et le ici": La présence d'étudiants africains à l'unilab et ses réseaux de sociabilité, d'intégration et de représentativité de la culture (s)

António Gislailson Delfino da Silva

Mestrando em Estudos Africanos – ULISBOA, Portugal. Especialista em Relações Internacionais pela Faculdade Verbo Educacional. Especialista em Gestão Pública, Licenciado em Sociologia e Bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB.

E-mail gislailsondelfino@yahoo.com.br.

Resumo

A presença de estudantes que se dirigem ao Brasil, mais especificamente ao estado do Ceará, nos *campi* da UNILAB, originários dos PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe) é o tema em discussão. Na sua maioria, são jovens que compartilham uma trajetória migratória temporária com finalidade de estudos e formação superior fora do seu país de origem. No entanto, vários são os trabalhos que discutem a temática, posto que, na maior parte das vezes, alguns/as pesquisadores/as focam apenas em questões macro, sem as particularidades do sujeito pesquisado. Assim sendo, o objetivo principal do trabalho é analisar a importância da presença dos/as estudantes africanos/as na Universidade, destacando, assim, as suas redes de sociabilidade, integração e representatividade de cultura(s). Os chamados “de lá” podem ensinar, e muito, “os daqui”, apresentando, por meio das suas diversidades étnico-linguístico-culturais, uma “nova” África ainda pouco conhecida além das suas fronteiras.

Palavras-chave: Estudantes africanos-PALOP; Integração; Representatividade de cultura; UNILAB.

Résumé

La présence d'étudiants qui se rendent au Brésil, mais se trouvent dans l'état du Ceará, dans les domaines de l'UNILAB, originaires de PALOP - Pays africains de langue officielle portugaise (Angola, Cap-Vert, Guinée-Bissau, Mozambique et São Tomé et Príncipe) est le sujet en discussion. La plupart d'entre eux sont des jeunes qui partagent une trajectoire migratoire temporaire à des fins d'études et d'enseignement supérieur en dehors de leur pays d'origine. Cependant, il existe plusieurs travaux qui analysent le thème, le post qui, dans la plupart des cas, certains chercheurs se concentrent uniquement sur des questions macro, sans inclure les particularités du sujet recherché. Par conséquent, l'objectif principal du travail est d'analyser l'importance de la présence d'étudiants africains à l'Université, mettant ainsi en évidence leurs réseaux de sociabilité, d'intégration et de représentativité de la (des) culture (s). La dite «de là» Peut enseigner, beaucoup, «ceux d'ici», pour montrer, à travers

leurs diversités ethno-linguistiques-culturelles, une «nouvelle» Afrique encore peu connue au-delà de ses frontières.

Mots-clés: Étudiants africains-PALOP; UNILAB; L'intégration; représentativité de la culture.

Abstract

The presence of students going to Brazil, more specifically to the State of Ceará, on UNILAB campuses, originating from PALOP - African Portuguese Speaking Countries (Angola, Cape-Verde, Guinea-Bissau, Mozambique and São Tomé and Príncipe) is the topic under discussion. Most of them are young people who share a migratory trajectory for the purpose of studies and higher education outside their country of origin. However, there are several works that discuss the theme, most of the time, some researchers focus only on more macro issues, thus forgetting the particularities of the researched subject. Therefore, the main objective of the work is to analyze the importance of the presence of African students at the University, thus highlighting their networks of sociability, integration and representativeness of culture. The so-called “from there” can teach, and a lot, “those from here”, presenting through their ethnic-linguistic-cultural diversities a “new” Africa still little known beyond its borders.

Keywords: African students -PALOP; UNILAB; Integration; representation of culture.

Introdução

O Brasil é hoje um importante polo de formação acadêmica para os estudantes africanos/as¹, especialmente para os pertencentes aos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - PALOP são eles: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Essa escolha ou processo se dá por motivos variados, tais como a Língua Oficial Portuguesa, ou ainda os laços culturais e étnico- raciais que ligam os dois continentes. Tcham (2012), em sua dissertação de Mestrado, discute sobre “A África fora de casa”, apontando que a circulação dos/as estudantes africanos/as no Brasil se deve por acordos realizados entre Brasil e África, mas não só isso:

A circulação dos africanos no Brasil é fundamentada através de acordos de cooperação acadêmica e cultural e incluem fatores sociais e diversas outras situações subjacentes que se combinam para distinguir a circulação internacional desses atores sociais (2012, p.2).

Por outro lado, Gusmão (2011) destaca que o momento da globalização alterou as relações sociais e econômicas no mundo como um todo e fez crescer a imigração africana dos PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – para o Brasil:

¹ Ao decorrer do trabalho, nota-se que utilizamos o termo “estudantes africanos/as”, no entanto, não podemos generalizar, haja vista que cada estudante possui suas particularidades em vários os aspectos. Assim sendo, em vários tópicos, é apresentada qual comunidade/país está sendo abordada, por exemplo “guineense”, “angolana”, etc.

Temporária ou não, tal imigração vem assumindo uma dimensão e realidade que está a exigir investigações consistentes e orientadas ao que é ainda, uma realidade invisível no contexto brasileiro. Apesar disso e, talvez, por isso, estudantes africanos que aqui estão vêm produzindo, ainda de modo parcial, estudos sobre a experiência de estar fora de seu lugar, fora da terra própria e de estar em espaços acadêmicos de universidades públicas e privadas que os acolhem em terras brasileiras. (2011, p. 192).

Nesse contexto, o presente trabalho busca analisar as interações de estudantes africanos/as em uma universidade pública federal e internacional, localizada do interior do estado do Ceará, com o recorte dos *campi* nas cidades de Redenção e Acarape. Ao compreender suas realidades em trânsito, Mourão (2003) coloca em jogo suas vivências, experiências, sentimentos e valores, importantes também para nós brasileiros/as, haja vista que pouco conhecemos das riquezas e diversidades que o continente africano possui, “iludidos/as”, talvez, por uma mídia que insiste, infelizmente, em uma imagem negativa da África.

UNILAB e sua política de Interiorização e Internacionalização

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), idealizada pelo governo de Luiz Inácio Lula da Silva (Lula), foi instituída como Universidade Pública Federal durante o seu segundo mandato, pela Lei N° 12.289, em 20 de junho de 2010. Essa universidade tem como um dos seus objetivos viabilizar a cooperação solidária entre o Brasil e os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos. Segundo Heleno (2014), o nascimento da Unilab se encontra associado a duas tendências da educação superior brasileira presentes no governo Lula: a internacionalização e a interiorização. Concomitantemente à implantação da Unilab, a criação de outras duas universidades reforça a internacionalização da educação superior brasileira: a UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana e a UFOPA – Universidade Federal do Oeste do Pará.

Segundo Silva (2019), a Unilab nasceu no contexto de redefinição da política externa brasileira pelos governos Lula (2003-2010), com ênfase na cooperação Sul-Sul fundamentada no princípio da solidariedade. Esse é, ao mesmo tempo, o contexto do crescimento econômico do continente africano, visto que Lula buscou aproximar-se, cada vez mais, não somente dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), mas do continente na sua totalidade, visando satisfazer aos interesses do seu governo e do seu país.

Referente ao princípio da solidariedade, Malomalo (2017) destaca que a Unilab não escapa das contradições entre capital e o trabalho, capital e direitos humanos, capital e desenvolvimento cooperativo que a integração entre o Brasil e a África nos coloca. Ela cumpre um papel especial na política externa brasileira, não de gratuidade. Trata-se de uma cooperação solidária, sem ônus econômicos diretos, porém, que está voltada a servir aos interesses do Estado brasileiro e suas elites. Todas as políticas de cooperação para o desenvolvimento, mesmo as ditas solidárias, do Estado brasileiro para com outras nações, sempre comportam interesses ou motivos.

Por outro lado, vale ressaltar que a criação da Unilab corresponde, como destaca Malomalo (2017), à implantação de políticas de integração da população negra e indígena historicamente excluída da sociedade. Com aprovação da Lei de Cotas no Governo Dilma Rousseff, as universidades públicas federais passaram a ofertar 50% das suas vagas para estudantes oriundos do ensino médio público, estudantes autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda igual ou inferior a um salário mínimo e meio. As demais vagas são ofertadas em ampla concorrência.

No que diz respeito à Internacionalização, atualmente² a UNILAB possui 258 estudantes oriundos de Angola, 72 de Cabo Verde, 671 de Guiné-Bissau, 74 de São Tomé e Príncipe, 38 de Moçambique e 16 de Timor-Leste. Ou seja, dos PALOP, a universidade conta com aproximadamente mil estudantes africanos/as, distribuídos entre os *campi* do Ceará e da Bahia.

Quanto à interiorização, os/as discentes brasileiros/as que integram a UNILAB também possuem várias origens, alguns são do próprio Maciço de Baturité, outros de qualquer lugar do estado do Ceará, especificamente da Região do Maciço de Baturité e sertão central. Vale ressaltar que, na maioria das vezes, são a 1ª geração da família a ingressar no ensino superior público e gratuito.

Na conjuntura política que estamos vivenciando hoje são notórios vários discursos contrários aos projetos e realizações dos governos petistas precedentes, prova disso são os cortes de verbas das universidades públicas. Nessa perspectiva, apesar de todos os problemas políticos e econômicos, a Unilab busca aproximar o Brasil da África por meio da presença de estudantes africanos/as na universidade, apresentando esta outra África, ainda pouco conhecida além das suas fronteiras.

² Dados consultados no site da Universidade, em junho de 2019.

As redes de sociabilidade e integração/interação de estudantes africanos/as na Unilab

Nos corredores da Unilab – Campus da Liberdade, dos Palmares e das Auroras – é comum encontrar diferentes nacionalidades, com seus costumes e manifestações étnico-culturais e linguísticas diversas. Desde a diversidade dos vestuários e ritmos de danças, até mesmo das línguas, dentre elas – Kriol/língua guineense (Guiné-Bissau), Kriol (Cabo Verde), Kriol Forro (São Tomé e Príncipe), Língua Changana (Moçambique) e Kimbumdo (Angola). Assim, os estudantes africanos/as, com suas particularidades, diferenças e semelhanças vivem e convivem e se interagem diariamente na universidade e, também, fora dela.

As associações e comunidades

Na Unilab, cada nacionalidade dos países africanos parceiros possuem sua associação, são elas: Associação dos Estudantes Guineenses da Unilab – AEGU, Associação dos Estudantes Angolanos – AEAU, de Cabo verde –AECVU, de Moçambique – AEMOZ-UNILAB e a Associação de São Tomé e Príncipe. As associações sem fins lucrativos, autônomas, reúnem seus membros nas dependências do Campus-Sede da Unilab – Ceará, e buscam, de uma forma direta ou indireta, representar e defender os interesses dos seus membros, no âmbito acadêmico, cultural e desportivo, por exemplo. Com estatuto e critérios próprios, cada associação desempenha papéis importantes junto à universidade e comunidade externa.

As representações (nesse caso o presidente e vice) são eleitos por votação dos seus membros, em que cada candidato apresenta seu plano de trabalho para o ano corrente. Após a eleição, a chapa vencedora toma posse e inicia os trabalhos. As associações também são responsáveis pela difusão e divulgação das culturas dos seus respectivos países. Além de assuntos internos, as associações realizam atividades acadêmicas e culturais, pautadas em data e assuntos pertinentes para o debate, por meio de mesas redondas, ciclo de debates, oficinas, minicursos, exibição de filmes, entre outras atividades. Algumas são realizadas em parceria com outras associações.

Foto 1: Evento comemorativo referente o dia dos Heróis Nacionais e dia de celebração da morte de Amílcar Cabral, o patrono da liberdade da pátria de Guiné-Bissau e Cabo Verde.



Fonte: AECVU

Nota-se, portanto, que em datas comemorativas, as associações (nesse caso de Cabo Verde e Guiné-Bissau) realizaram uma atividade em coletivo, com a presença de estudantes de ambas as nacionalidades, além de professores/as pesquisadores/as da temática, com o intuito de apresentar o principal objetivo da união entre Cabo Verde e Guiné-Bissau criado por Amílcar Cabral e o que esteve envolvido na sua ruptura, servindo de base da projeção de novos olhares.

Vínculos com África: Comemorações festivas e celebrações especiais: Semana de África e comemorações das Independências

Os/as estudantes africanos/as da Unilab procuram recriar traços simbólicos pertencentes ao seu país de origem. Vivendo e convivendo diariamente com costumes diferenciados, esses estudantes buscam se adaptar nas cidades por meio de redes de relações. Na Universidade, esses estudantes organizam e participam de encontros relacionados ao continente africano, festas e outras atividades sociais e culturais visando divulgar a imagem do país e do continente, que, na maioria das vezes, é visto como um lugar estranho e exótico. Segundo Carneiro da Cunha (2009),

A escolha dos tipos de traços culturais que irão garantir a distinção do grupo enquanto tal dependente dos outros grupos em presença e da sociedade em que se acham inseridos, já que os sinais diacríticos devem se opor, por definição, a outros do mesmo tipo (2009, p.238 apud OKAWATI, 2015, p.77)

Nessa concepção, os/as estudantes africanos/as organizam uma série de eventos culturais, procurando demonstrar para o público presente, um pouco da cultura e dos costumes praticados por eles/as e seus familiares no país de origem. As comemorações das independências é um exemplo disso. De acordo com Subuhana (2005, p.15):

“As festas organizadas anualmente para a comemoração das independências de seus países de origem, para além de serem momentos de descontração, servem também para reunir essa população. Nelas, o estar perante os compatriotas e amigos não deixa de ser uma forma de superar a saudade”.

Na Unilab, as atividades alusivas à comemoração das independências, Semana de África, Festival das Culturas, dentre outros, além da comissão organizadora, são organizadas com o apoio das associações e de algumas pró-reitorias que fazem parte da Unilab, Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura –PROEX, Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis – PROPAE, e Pró-Reitoria de Relações Institucionais –PROINST, por exemplo.

Foto 2: Estudante angolana, Horvanda Brazão, realizando uma palestra na V edição da semana da África no IFCE, campus Baturité



Fonte: Assecom-Unilab

As atividades, como foi o caso da “V edição da Semana da África”, levou suas atividades para fora dos muros da Universidade, concretamente no Instituto Federal do Ceará, campus Baturité, com a palestra “África lusófona no Maciço de Baturité”, evento que procurou desmistificar os pensamentos estereotipados sobre a África. Assim sendo, os/as

estudantes africanos/as buscam “desmitificar” as imagens negativas sobre o continente africano fora da UNILAB, levando para a comunidade externa atividades acadêmicas e culturais, não se limitando apenas na universidade.

O grupo Uiculturas e suas ações de incentivo à Integração

A cultura é sempre diversa, dinâmica e plural. Multiplicam-se pelas cidades do Maciço do Baturité os signos impressos nas falas, nos gestos, nas roupas, na música, na dança. Valorizar e respeitar a diversidade de manifestações culturais e artísticas dos espaços populares é um ato primordial de construção de uma sociabilidade renovada. Vislumbra-se, como efeito, a ampliação da circularidade de imaginários, de obras, de bens e práticas culturais nas cidades sob o primado da comunicação entre próximos e distantes. Afinal, a cultura se torna mais rica quando expandimos as nossas trocas de imaginários, de saberes, de fazeres e convivências.

Nessa perspectiva, mais de 100 (cem) estudantes africanos/as fazem parte do Grupo Uiculturas: Unidos pela Integração, inaugurado dia 09 de março de 2017, atualmente oficializado como projeto de extensão na Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura –PROEX, busca divulgar, valorizar e integrar as culturas existentes dos países membros da UNILAB: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Pautado em sete eixos temáticos: Danças, Desfile, Teatro, Poesias, Músicas, Palestras e minicursos, o grupo busca abordar a diversidade e integração cultural existente nos países parceiros. Ao mesmo tempo, em consonância com as diretrizes da universidade, o presente grupo busca aproximar a comunidade externa da universidade, por meio de apresentações culturais diversificadas e, com isso, promover o esclarecimento e demonstrar o que esse continente tem de melhor, demonstrando, assim, o outro lado dessa África ainda pouco conhecida além de suas fronteiras.

A participação de estudantes africanos/as no Grupo Uiculturas é um exemplo de integração e valorização de cultura. Por meio de oficinas, seminários, palestras, exposições, mostras, encontros e apresentações culturais diversificadas, os estudantes buscam apresentar, para os/as interessados/as, a diversidade de cada país, exercendo uma espécie de papel diplomático, em relação aos seus respectivos países.

Foto 3: Membros do Grupo de Dança do Uniculturas



Fonte: Gislailson Cá

Festas e/ou noites africanas e a representatividade de cultura(s)

Geralmente atrelada a datas significativas, como eventos da Semana da África – 25 de maio – e comemoração das Independências dos países africanos, sempre é organizada uma festa e/ou noite, para o encerramento das atividades realizadas ao decorrer de todo o mês de maio e no mês do país que comemorou mais um ano de independência. Algumas comunidades, como é o caso da comunidade guineense, costuma realizar festas fora das dependências da UNILAB, nas cidades de Redenção e Acarape, bem como no distrito de Antônio-Diogo, ambas com distância não superior a 6 km da cidade sede, Redenção. Já a comunidade angolana realiza suas festas, às vezes, no espaço de eventos do Complexo Abolição, fora, mas próximo da Universidade. Geralmente, como afirma Langa (2014, p.109), “tais festas são acompanhadas de muito álcool-cerveja, bebidas secas, cachaças, whiskies, sucos e refrigerantes”.

Para participarem do evento, uma comissão fica responsável pela venda dos ingressos, que variam de R\$ 20,00 a R\$ 35,00 reais. O valor pago dá direito a comer e beber, levando em conta o tipo de festa e forma de pagamento. Como atrativo, durante os eventos, são servidos aos/as convidados/as alguns pratos típicos, dependendo do país que organiza aquela festa; no caso de algumas festas de Guiné-Bissau, pratos variados e com um sabor forte, uns acrescidos de muita pimenta e outros, como caldo de mancarra (amendoim) e de *Tcheben*, acompanhados de arroz branco, arroz refogado, galinha frita e alguns salgadinhos.

Para Okawati (2015, p.88):

“o que importa é criar um espaço de certa forma supra a ausência e a saudade, por meio de pratos, músicas, danças, etc., mas também traga para o meio dessa experiência, possibilidade aos brasileiros(as) de experimentar um pouco de África, de conhecer mais sobre esse continente”.

Referente aos ritmos musicais, as festas são ricas em estilos musicais, contando com a presença de ritmos diferenciados como quizomba, passadas, gumbe, kuduro, funana, e, até mesmo músicas brasileiras como sertanejo, forró e funk, sem deixar de lado também músicas americanas e europeias. Já o kuduro, um estilo de dança criado em Angola na década de 1980, ocupa um lugar especial na festa, em especial nas festas/noites angolanas. Mesmo não sabendo dançar, quase todos inventam o seu próprio estilo.

Segundo Langa (2014), o kuduro representa subversão e crítica social; é dançado individualmente, sem contato físico entre homens e mulheres, cantado em calão e gírias angolanas, uma mistura de português com as línguas nacionais, parecido com o break norte-americano misturado com danças africanas. Ainda, segundo o autor, algumas letras de kuduro são obscenas ou caricaturadas que abordam o cotidiano – falta de dinheiro, usar roupas de marcas falsificadas, traição entre casais, aumento do custo de vida, etc. Quanto ao estilo de apresentação, os “dançarinos” fazem um círculo, no qual um deles entra no meio e faz um passo de dança, enquanto os outros ficam assistindo batendo palmas, revezando-se, entrando e saindo do círculo. Cabe, então, a cada um demonstrar o seu talento da dança; no entanto, aqueles que não sabem dançar ficam apenas apreciando os toques criativos dos seus colegas e amigos.

Langa (2014) também analisa o modo como alguns/as estudantes africanos/as se vestem em festas. Além das músicas, o vestuário é uma peça fundamental, posto que, geralmente, os homens vestem roupas ocidentais (ternos, gravatas, chapéus clássicos, alguns se espelhando nos rappers norte-americanos), outros preferem estilos voltados ao continente africano, como, por exemplo, roupas de panos africanos. Já a maioria das moças africanas preferem um estilo mais ousado, shorts e saias curtas, vestidos decotados acompanhados de salto alto e outras peças como colares e bem maquiadas, sem esquecer dos seus penteados inovadores, com muitas formas e cores. Algumas preferem alisar os cabelos estilo chapinha. Outras implementam de cabelos enrolados verticalmente e, ainda, algumas usam perucas de cabelos curtos ou longos.

Partindo para uma linha teórica, Trindade (2013) discute como ocorrem essas festas de emigrantes, qual o significado atribuído ao simbolismo, a originalidade e a relevância que

essas festas têm para a população local. Segundo a autora, a “festa, como manifestação social em que os valores espirituais se sobrepõem a qualquer outra razão de ordem material, é aqui tomada como grelha de interpretação de processos interativos entre residentes e emigrantes (2013, p.163).

O processo de imigração é inevitavelmente um ato de distanciamento provisório ou definitivo que o indivíduo faz quando deixa o seu lugar de origem e chega a um espaço novo. Este distanciamento não é apenas geográfico ou territorial, mas também cultural, emocional e étnico, que proporciona um desconforto emocional de quem migra, e, portanto, este sujeito busca solucionar essa lacuna emocional e recria o seu espaço de origem no espaço de chegada por meio das manifestações culturais que lhe são originárias, festas, feriados, cultos religiosos, vestuários, alimentação e muitas outras formas de manifestações, que, fora de território natal, permite que o imigrante alimente o sentimento de pertencimento cultural eterno do seu espaço de origem.

As atividades realizadas pelos estudantes africanos/as são partes de um momento de reforçar os laços entre os elementos da comunidade presente e os da comunidade ausente. Porém, no tocante à originalidade ou não dessas manifestações culturais reproduzidas pelos estudantes nos territórios de chegada, parece questionável este fato, dado ao novo ambiente vivido e que, portanto, não favorece que estas manifestações sejam reproduzidas de forma similar quando da sua manifestação no território de origem. Isso ocorre pela falta de materiais semelhantes, ingredientes, espaço e outros elementos que dificultam a confecção de trajes originais e os alimentos das principais refeições, usadas em certos tipos de manifestação: “Numa primeira aproximação, poderá dizer-se que a riqueza e diversidade do conteúdo simbólico variam na razão do distanciamento que o emigrante tem do seu espaço de origem” (TRINDADE, 2013, p.164).

Porém, isso não impossibilita que estas manifestações sejam efetuadas de forma adaptada e miscigenada com outros elementos encontrados no território de chegada e que intencionalmente acabam por criar uma nova manifestação cultural que resulta da mistura entre os elementos originários do espaço de chegada e do espaço de origem. Por outro lado, em vários momentos estas manifestações levadas a cabo por emigrantes nos espaços de chegada apresentam um caráter meramente recreativo e lucrativo, atribuindo-lhe um novo simbolismo com o objetivo de torná-lo o mais atrativo possível.

Torneio Intercursos ou competições desportivas?

Ainda sobre a temática dos vínculos de sociabilidade e integração de estudantes africanos/as na Unilab, o futebol e o futsal são duas das modalidades esportivas mais praticadas por grande parte desses estudantes.

“Desde seus países de origem, alguns estudantes africanos já acompanhavam campeonatos internacionais, as grandes ligas europeias, e particularmente por estarem no Brasil, em ano de Copa do Mundo que ocorreu aqui, foi possível vivenciar intensamente os ânimos da torcida” (OKAWATI, 2015, p.90).

De uma forma mais geral, as associações, por meio da comissão de esporte, organizam torneios esportivos nos quais se englobam, na formação da equipe, todos e/ou maioria dos países presentes na Unilab, visando integrar esses estudantes de diferentes nacionalidades. O Torneio Esportivo Independência é um torneio de futsal geralmente promovido anualmente, e sempre faz parte das comemorações da independência dos países africanos e as equipes são formadas com jogadores de diferentes nacionalidades, visando incentivar a integração. No entanto, Braima, estudante guineense, relata que a presença de jogadores cabo-verdianos na equipe de Guiné-Bissau incomoda muito.

Eu não gosto quando minha equipe [Guiné-Bissau] jogue junto com eles [cabo-verdianos], eles são muitos competitivos, eles não passam a bola, querem mostrar talento e às vezes acabamos perdendo o jogo pois eles não passam a bola, isso é chato, muito chato. (Trecho da entrevistada extraído do meu trabalho de conclusão de curso (SILVA, 2016).

De acordo com o relato, percebe-se que a competição é levada a sério dentro do campo e/ou quadra. O que seria apenas uma atividade para comemorar a independência de um país africano acaba se tornando um espaço decisivo de competição, em que cada equipe procura demonstrar o talento que possui. Vale ressaltar que essas “rivalidades” esportivas se dão de forma diversa, muita das vezes entre estudantes de um mesmo país ou estudantes de países diferentes. O público conta com a presença de amigos/as, colegas, namorados/as de jogadores/as, neste ambiente; torcem, criticam, fazem comentários, observações e vibram com os gols, ilustrando a rivalidade presente no esporte.

Os/as estudantes africanos/as participam de torneios realizados pela universidade, em que os nomes dos jogadores são repassados pelo representante do esporte do país. Em paralelo, os estudantes Bissau-guineenses realizam, no período de recesso acadêmico, torneios “intercursos”, visando aproveitar o recesso para se divertirem com os colegas e amigos/as de cursos. As equipes são formadas por jogadores de cada curso em que os estudantes estão matriculados. No entanto, de acordo com Umaro, estudante bissau-guineense, existem cursos que contratam estudantes de outros cursos para jogar.

O torneio é entre cursos, então os jogadores só podem jogar no curso dele. Se eu sou de Agronomia, eu só posso jogar na equipe de Agronomia (...), isso não acontece, existe jogadores de Administração que jogam na Letras, existe jogadores do BHU que jogam na Agronomia. Isso tá errado, não pode acontecer, eles só querem ganhar. Trecho da entrevistada extraído do meu trabalho de conclusão de curso (SILVA, 2016).

A lista dos jogadores é disponibilizada por um representante de cada curso, que convoca os jogadores de acordo com a sua capacidade de jogar. A comissão responsável cobra uma taxa de aproximadamente R\$ 0,50 centavos (na fase de classificação das equipes) por pessoa que queira assistir aos jogos, isentos os jogadores que contribuem com um valor a parte. Já para o final do torneio, o valor pode chegar a R\$ 1,00. O valor cobrado destina-se a comprar a água dos jogadores, afirma Umaro. Os torneios organizados, além de oferecerem uma forma de lazer, também são vistos como espaço de discussões e rivalidades. Ao almejam sempre a vitória, alguns jogadores buscam, no campo, resolver problemas pessoais. Vejamos o relato de um estudante guineense.

Olha, esses torneios são meios doidos sabe, muitos jogadores querem brigar no campo, outros querem descontar um problema pessoal no campo. Teve um dia que eu fui jogar e no meio do jogo veio um jogador e me chutou sem eu ter feito nada. Eu não gosto dele, por isso que ele me chutou e o árbitro não fez nada. Trecho da entrevistada extraído do meu trabalho de conclusão de curso (SILVA, 2016).

Segundo Fabiani (2012), o estresse e o desejo de ganhar um jogo, acaba por si só, incentivando a competitividade de um jogador.

Isso ocorre porque os atletas respondem de maneira diferente aos estímulos externos durante uma competição. A pressão de um jogo, bem como um alto nível de estresse e de ansiedade, são transferidos para a área emocional e, em decorrência disso, esta deve estar bem preparada a fim de não interferir no rendimento ao longo da competição (2012, p.14)

Em um ambiente vasto de discussões, as atividades esportivas realizadas pelos estudantes africanos/as estão ligadas a dois fatores: o primeiro é de lazer, em que os estudantes promovem e participam de atividades com o intuito de se divertir com os/as amigos/as e colegas e o segundo, está relacionado à competição, na qual cada equipe busca demonstrar o talento que se tem, objetivando sempre o desejo maior, que é a vitória, que está associada ao status de melhor jogador, melhor atacante e melhor curso.

As interações de estudantes africanos/as com brasileiros/as e vice-versa: apropriação ou integração cultural?

Um brasileiro-cearense falando o Crioulo de Guiné-Bissau, uma brasileira que dança Kizomba, um angolano que dança Forró e uma guineense que pesquisa sobre a cultura indígena, dentro da Unilab, encontram-se diferentes culturas em conexões. Assim sendo, como ocorrem as interações de estudantes africanos/as com brasileiros/as e, ao mesmo tempo, como é vista essa integração/interação na universidade?

A presença de estudantes africanos/as na Unilab, com diferentes culturas e costumes, seja na língua, no sotaque, no vestuário, na dança e na música representa um momento único de troca de conhecimento e saberes. Cada país representa uma oportunidade única e inexplicável de se interagir e conhecer “os de lá”, mesmo estando “aqui”, pois depara-se diariamente com estudantes africanos/as no Restaurante Universitário, nas salas de aulas, biblioteca, espaço de convivência e, até mesmo, na vizinhança. Por consequência, diariamente nota-se que um dos objetivos da Unilab –integração – está se concretizando, mesmo que a passos lentos.

No ambiente acadêmico é notória a existência de estudantes que buscam, de uma forma direta ou indireta, incentivar a integração. Seja na sala de aula, onde se percebe que existem estudantes africanos/as que pesquisam assuntos relacionados ao Brasil, tais como: política (às vezes, partidária), cultura indígena, cooperação Brasil-África e, fora da sala de aula, dançando ritmos brasileiros, como forró, funk e sertanejo. Em contrapartida, nota-se que alguns estudantes brasileiros/as também aproveitam a oportunidade e buscam conhecer um pouco das culturas dos países africanos, seja aprendendo as danças, tais como kizomba, semba e kuduro e, até mesmo, as línguas africanas, como Crioulo de Guiné-Bissau (Kriol/língua guineense), Cabo Verde, Umbundo (Angola), etc.

No entanto, essas iniciativas e/ou proximidades de uma cultura com a outra gera, para alguns estudantes brasileiros/as, muitos/as deles/as pertencentes a coletivos e movimentos que, teoricamente deveriam lutar pelos interesses da universidade, mas que, na prática, buscam apenas os seus interesses, grupos/coletivos estes, definido por alguns/as, como “extremistas da politicagem”. Em outras palavras, são estudantes que adotam o uso político do discurso da integração como forma de promover-se (politicamente falando), dentro dos espaços da UNILAB, principalmente em campanhas eleitorais. Nesse contexto, “os extremistas de politicagem” criticam alguns brasileiros/as que se interagem com estudantes africanos/as, argumentando que tais atitudes são “apropriação cultural”. Mas, afinal, o que seria apropriação cultural?

A apropriação cultural é definida como a adoção ou o uso de elementos de uma cultura por membros de uma cultura diferente como um fenômeno largamente negativo ou, em outras palavras, a apropriação cultural é marcada pela submissão de uma cultura historicamente oprimida por uma dominante, buscando, assim, se apropriar com interesses próprios. Basicamente, podemos entender, então, que a chamada apropriação cultural seria: (i) o uso descontextualizado de determinado elemento típico de uma etnia por alguém que não pertence àquele determinado círculo; (ii) a exploração financeira desse elemento; e (iii) a forma diferenciada como é tratada a pessoa que se vale do elemento cultural quando é ou não membro de minoria. O termo “apropriação” já tem conotação negativa por si só, já que dialoga com “roubo” ou “invasão”.

Agora, levando-se em conta o contexto da UNILAB e sua política de internacionalização, não podemos confundir apropriação cultural com intercâmbio de culturas ou integração cultural. Conforme afirma Tainara Chagas, estudante brasileira da UNILAB:

Decidi me integrar com estudantes africanos, pois estou aberta a integração e interação e fazer valer o projeto da UNILAB, onde muitas pessoas pensam nessa proposta, mas não executam. E essa iniciativa não é uma maneira de se apropriar da cultura do outro, pelo contrário, é uma oportunidade de ensinar e aprender, uma integração recíproca. Eu aprendo com eles (estudantes africanos) e eles aprendem comigo. Nós precisamos ser mais abertos para compreender que existe o “outro”, que o “outro” também tem limites, mas essas limitações podem ser superadas com a integração e o desejo de conhecer e respeitar o outro. (Trecho da entrevista realizada com a discente da UNILAB, Tainara Chagas).

Ainda, segundo a entrevistada, o discurso de apropriação de cultura no contexto da UNILAB vem de pessoas racistas e extremistas que não querem os/as estudantes africanos/as na universidade.

Esse discurso de apropriação de cultura vem de pessoas que são altamente racistas, preconceituosas, e quando vê um brasileiro em contato com a cultura estrangeira, eles (extremistas de politicagem) já vinculam com a apropriação de cultura, porque dizem que não é normal, não é comum que um brasileiro tenha esse convívio. (trecho da entrevista realizada com a discente da UNILAB, Tainara Chagas).

Estabelecer uma distância entre estudantes brasileiros/as e estudantes africanos/as é negativo para o projeto UNILAB, haja vista que, quando estabelecemos essa distância entre o “eu” e o “outro” e, quando falamos que tudo é apropriação de cultura, acabamos reproduzindo um discurso de separação, algo que acontece, infelizmente, nos corredores e instâncias da Universidade. Nessa perspectiva, estamos vivenciando na UNILAB diferentes e diversas formas de integração/interação e aproximação. Uns utilizam as culturas como forma de aproximação (aprendizado de línguas, danças, vestuário) e, outros preferem se aproximar de

estudantes com certos interesses (políticos, afetivo-sexuais), por exemplo. Dentre este último citado, utilizado com frequência pelos “extremistas da politicagem”. Essa atitude é analisada por Langa (2014), que destaca que

“os estudantes africanos ocupam um lugar secundarizado em termos de preferências afetivas para relacionamentos estáveis. Ao mesmo tempo em que são objeto de estigma, os estudantes africanos são também objeto de desejo sexual para encontros fortuitos”. (LANGA, 2014, p. 113).

Por fim, as críticas de apropriação cultural devem ser feitas, de fato, aos coletivos/grupos de politicagem da UNILAB, que buscam, de certo modo, generalizar os estudantes africanos/as, mas não só em vários contextos e espaços da universidade, apropriando-se do uso do discurso da integração como forma de promover sua ideologia política. É necessário, sim, problematizar essas questões, mas tendo em mente que vivenciamos um contexto diferenciado e que deve ser aproveitado ao máximo, positivamente falando.

Considerações finais

O presente trabalho foi construído com o objetivo de analisar a importância da presença dos estudantes africanos/as dos PALOP na UNILAB, destacando, assim, as suas redes de sociabilidade, integração e representatividade de cultura. Referente ao ambiente de chegada, é importante destacar o papel que a UNILAB desempenha na vida destes estudantes, o que alguns relataram como um novo começo, também ficou evidente que a importância não prevalece apenas pelo fato de as diretrizes terem um olhar especialmente voltado sobre as temáticas africanas, mas porque também é entendido como um marco significativo para o êxito da cooperação Sul-Sul. Idealizado pelo governo brasileiro em parceria com os governos dos países africanos, em especial aqueles situados na costa do Atlântico e no âmbito da CPLP, o que evoca o espírito de unidade e cooperação, que de certa forma é relativamente contrastante com as relações estabelecidas entre os eixos Sul-Norte, considerando o percurso histórico de tais eixos.

Quanto a redes de sociabilidade dos/as estudantes africanos/as, as associações, grupos culturais, eventos alusivos à Semana de África e comemorações de independências, festas/noites “africanas” e torneios são, umas das formas, dos estudantes se sociabilizarem com a comunidade local. Na temática das comemorações festivas, o valor simbólico destes momentos proporcionados e organizados pelos estudantes, fica demarcado como um momento em que o espírito de pertencimento à comunidade de origem é reafirmado por meio

das práticas culturais que são reproduzidas nestes espaços. Essas atividades protagonizadas pelos estudantes africanos/as, exerce um papel significativo em prol da desmistificação dos conceitos e pré-conceitos, que pairam sobre o continente africano. Nessa perspectiva, eles próprios se colocam como pesquisadore/as e conhecedores/as, aptos a palestrar sobre seus países, o que nos permite pensar que há diversas vozes ressoando nos eventos científicos e culturais que ocorrem dentro da UNILAB, dialogando entre si e também com a comunidade externa em eventos paralelos a este espaço acadêmico.

Por outro lado, as interações e aproximações, de estudantes africanos/as com brasileiros/as e vice-versa, é questionada pelos extremistas de politicagem, se seria, no caso, apropriação ou integração cultural. A UNILAB, como um espaço de conflitos e interesses, um campo de disputas com diferentes culturas e costumes, também é uma oportunidade única de integração e aproximação. Assim sendo, a aproximação de alguns brasileiros/as com estudantes africanos/as, por meio do aprendizado de danças, línguas, e até mesmo vestuário é uma forma de integração cultural, em que ambos os lados compartilham suas diferenças e semelhanças. Mas, não podemos negar que existem também estudantes que se aproximam com segundos interesses, como é o caso dos “extremistas de politicagem”. Estes geram situações constrangedoras (generalizações e acusações contra os estudantes africanos/as sem fontes seguras) que, de certo modo, divide a integração cultural de que a UNILAB necessita. Por fim, é preciso ressaltar que o trabalho buscou apresentar e analisar a importância da presença dos/as estudantes africanos/as na Universidade, destacando, assim, as suas redes de sociabilidade, integração e representatividade de culturas. Os chamados “de lá” podem ensinar, e muito, “os daqui”, apresentando por meio de suas diversidades étnico-linguístico-culturais, uma “nova” África ainda pouco conhecida além das suas fronteiras. Desse modo, a intenção é contribuir para os avanços das discussões sobre a temática. Acreditamos ainda que a totalidade, a dimensão real jamais pode ser alcançada. Seria, portanto, ingenuidade crer que esta pesquisa esgota no tema proposto. A temática continua aberta, aguardando novas pesquisas que contribuam para o avanço das discussões.

Referências Bibliográficas

FABIANI, Marli Terezinha. **Psicologia do esporte: a ansiedade e o estresse pré- competitivo**. Curitiba: PUCPR, 2012, pp.14-27.

GUSMÃO, Neusa de. “Na Terra do Outro”: presença e invisibilidade de estudantes africanos no Brasil, hoje. **Dimensões**, ISSN: 2179-8869, vol. 26, 2011, p. 191-204.

HELENO, Maurício Gurjão Bezerra. **A política externa do governo Lula: a experiência da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)**. Fortaleza Ceará, EdUECE, 2018. 229 p.

LANGA, Ercílio Neves Brandão. Diáspora africana no Ceará: Representações sobre as festas e as interações afetivo-sexuais de estudantes africano (a)s em Fortaleza. **Revista Lusófona de Estudos Culturais/ Lusophone Journal of cultural Studies**. Vol.2, n.1, pp. 102-122, 2014.

MALOMALO, Bas'İlele. Crise internacional: Migrações africanas, cooperação e esperança. In: MALOMALO, Bas'İlele; MARTINS, E.; FREIRE, J. **África, migrações e suas diásporas: Reflexões sobre a crise internacional, cooperação e resistências desde o Sul**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017c, p. 21-52.

MOURÃO, Ellery. M. **Deslocamentos Transitórios: A construção do pertencimento entre estudantes Guineenses e Cabo-Verdianos no Brasil**. Trabalho apresentado no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador, Bahia, Brasil. pp. 1-19. 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/ElleryArt.pdf>. Acesso em: 28 set. 2015.

OKAWATI, Juliana A. A. **Estudantes Africanos na UFSC: (Des) Encantos extramuros na jornada acadêmica**. Dissertação de Mestrado/UFSC: Florianópolis, 2015.

SILVA, Antonio Gislailson Delfino da. A política externa do Governo Lula com a África Lusófona: dimensão política, cooperativa, educacional e econômica. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, [S.l.], v. 15, n. 22, p. 80-96, jun. 2019.

SILVA, Antonio Gislailson Delfino da. **Trajetórias de estudantes guineenses no Brasil: do processo de integração ao regresso/retorno**. Redenção, 2016.

SUBUHANA, Carlos. **O estudante convênio: a experiência sociocultural de universidade da África Lusófona em São Paulo, Brasil**. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil. p.1-20. 2005.

TCHAM, Ismael. **A África fora de Casa: Sociabilidade, trânsito e conexões entre os estudantes africanos no Brasil**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia. UFPE: Recife, 2012.

TRINDADE, Rocha M. M. A presença dos ausentes. In. **Sociedade e Território. Espaço: Emigração e Retorno**. **Revista de estudos Urbanos e Regionais**, Ano 3. Porto: Afrontamento, fevereiro 1989, pp.8-168.

Recebido em: 05/09/2019
Aprovado em: 17/10/2019